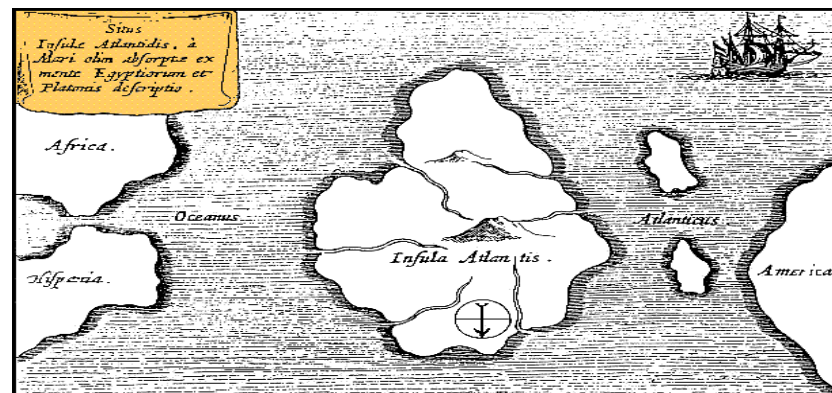


**CADERNOS de
ESTUDOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**

CADERNO Nº # 34- EDIÇÃO dezº 2020

DEDICADO A José Luís da Silva



CADERNO Nº # 34- EDIÇÃO dezº 2020

DEDICADO A José Luís da Silva

Todas as edições em linha em
<http://www.lusofonias.net>

COORDENADOR DOS CADERNOS

– Susana L. M. Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

Editado por Chrys Chrystello



©TM® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

DVD ISSN 2183-9115

ONLINE ISSN 2183-9239



1. **NOTA INTRODUTÓRIA**

CHRYSTELLO

Editor, Cadernos de Estudos Açorianos

Presidente da Direção da AICL, Colóquios da Lusofonia

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S) com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o

mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade que queira apostar neste curso.

Depois de 2011 foi possível a alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 14 línguas (francês inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no portal www.lusofonias.net AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ([Cadernos de Estudos Açorianos](#) e [Suplementos \(lusofonias.net\)](#)) uma publicação trimestral: os CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre a peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer essa AÇORIANIDADE LITERÁRIA¹ servindo de complemento aos currículos regionais e às várias

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamoliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

Antologias de Autores Açorianos que a AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou².

Os Cadernos de Estudos Açorianos foram até 2016 uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério - além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Por falta de coordenador, estiveram suspensos e em 2020 foi nomeada a colega SUSANA ANTUNES como nova Coordenadora dos Cadernos,

Além dos Cadernos Açorianos editamos, esporádica e aleatoriamente, SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos participantes ou pelos próprios.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana

«.... Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência».

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista Insula em 1932, em paralelo com a Hispanidad de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).

” ... Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma

essencialidade que a diferencia da [Literatura] Continental».

Assim, para nós [AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana.

“...A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados³» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

Muitos dos autores fazem parte da ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

bilingue (PT-EN) em 2011, na Antologia monolíngue em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”.

Nos **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** já se publicaram mais de três dezenas de Cadernos (por esta ordem) dedicados a autores contemporâneos (a maioria deles presente nos colóquios da lusofonia):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Dorés, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara. José Nuno da Câmara Pereira II

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BGA bibliografia geral da açorianidade, compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havaí, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros

temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores. De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), em o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados da Bibliografia publicada em livro de 2 volumes, pela Letras Lavadas em cuja Livraria de Ponta Delgada pode adquirir ou encomendar e que está atualmente em atualização em linha [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](http://lusofonias.net) .



No verão de 2005, lendo um jornal na esplanada da Pastelaria Suíça, em Lisboa



Em 2012, na Praça Gonçalo Velho, em frente das Portas da Cidade, perto da Igreja Matriz de Ponta Delgada onde José Luís da Silva foi batizado. Ao fundo, na Rua Machado dos Santos, a casa dos avós onde nasceu.

2. José Luís Neves Pereira da Silva

Nasceu em 1952, em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, Açores. Nessa cidade, completou a escola primária (colégio “A Colmeia”) e frequentou o Liceu Nacional até ao sétimo ano de então. Em janeiro de 1969, emigrou para a Califórnia com os pais e irmã.

A sua preparação universitária nos Estados Unidos incluiu uma passagem pela California State University, Hayward, onde obteve dois diplomas: B.A. em Francês (1974) e B.A. com especialização dupla em Português e Espanhol (1975). Em 1982 recebeu um mestrado em Espanhol de San Francisco State University, seguindo-se outro mestrado em Francês (1986) de San Jose State University. Frequentou também vários cursos de verão em Portugal, França e México.

Dedicou-se ao ensino de línguas e culturas (Português, Francês, Espanhol e Inglês) a partir de 1973, desenvolvendo uma notável atividade profissional ininterrupta até ao presente. Desde 1986, é professor em San Jose High Academy (a segunda escola secundária pública mais antiga da Califórnia, fundada em 1863) onde tem lecionado Português no programa de Bacharelato Internacional, tendo sido eleito três vezes pelos seus colegas como professor do ano daquela instituição.

Até este livro, a sua obra literária encontrava-se espalhada em alguns periódicos e antologias. Em 1972, recebeu o segundo prémio de poesia dos Jogos Florais Camonianos organizados pelo Centro Luso-Brasileiro de Southeastern Massachusetts University. Recebeu também o primeiro prémio de poesia no concurso levado a efeito pelo Fundo Literário Luso-Americano, de Sacramento State University, em 1976.

Tem participado em inúmeros congressos sobre a educação luso-americana, sendo presentemente o presidente da mesa diretiva da Luso-American Education Foundation.

Vive em Fremont, Califórnia, com a sua mulher, Carol. Tem dois filhos, Paul Joseph e Robert Louis da Silva.

3. CURRÍCULO VITAE

Nome: José Luís Neves Pereira da Silva

Naturalidade: Ponta Delgada, São Miguel, Açores (14-3-1952)

Emigração para a Califórnia: 1969

Educação:

Liceu Nacional de Ponta Delgada (primeiro ao sétimo anos liceais de então) - 1962-69

California State University, Hayward:

1974 - Bachelor of Arts, Francês

1975 - Bachelor of Arts, Português e Espanhol (dupla concentração)

San Francisco State University:

1982 - Master of Arts, Espanhol

San Jose State University:

1986 - Master of Arts, Francês (tese: "La Reine Morte d'Henry de Montherlant

- Inês Victime de sa Supériorité", sobre o tema de Pedro e Inês de Castro, escolhida pelo Departamento de Línguas Estrangeiras como candidata a melhor tese do ano da universidade)

Cursos de verão:

1974 - Universidade de Lisboa

1980 - Universidad Juárez del Estado de Durango, México

1988 - Sorbonne, Paris

1989 - Universidade dos Açores

2014 - Curso para Docentes de Língua, Cultura e Literatura Portuguesas nos
EUA (FLAD / DRCGA) - Universidade dos Açores

Atividades Profissionais no Ensino:

1973-78: Professor, Hayward Adult School (Português e Inglês)

1975-78: Professor, California State University Hayward, Extension (aulas de Português e duas sessões de verão para professores de Português)

1977-78: Estágio para professor do ensino secundário (Português, Espanhol, Francês, Inglês)

1978-82: Professor, Summerville Union High School, Tuolumne, Calif. (Espanhol, Francês, Inglês)

1982-86: Professor, Peter Burnett Middle School, São José, Calif. (aulas de Português e de ensino bilingue Português/Inglês, Espanhol / Inglês)
Chefe dos Professores de Línguas

1986-2010: Professor, San Jose High Academy, São José, Calif.

1986-2010: Professor de Português (5 níveis: Português 1-2, 3-4, 5-6, 7-8 e Bacharelato Internacional 1-2/3-4) e de algumas aulas de Francês e Espanhol

1989-2002: Chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras em S.J.H.A.

2002-2005: Coordenador do Programa de Bacharelato Internacional em S.J.H.A.

1995-2010: Coordenador do Programa de Português em S.J.H.A.

1995-2010: Professor responsável pelo Clube Português de S.J.H.A.

2010 (junho): Passado à aposentadoria como professor no estado da Califórnia

2012-2014: Professor de Apoio ao Ensino de Português na Califórnia (Protocolo – Associação dos Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá, Instituto Camões)

2014-2019: Professor de Apoio ao Ensino de Português na Califórnia (Protocolo Instituto Camões / Luso-American Education Foundation)

2013- Presente: Professor de Língua e Cultura Portuguesas, Macau Cultural Center, Fremont, Califórnia

Atividades Comunitárias:

- Secretário, Cabrilho Cultural Center, San Jose State University, São José, Calif., 1983-88

- Presidente da Comissão de Oradores / Workshops e Mestre-de-cerimónias: XIII Congresso Luso-Americano Sobre Educação, São José, Calif., 1989

- Copresidente da Comissão Organizadora: XVI Congresso Luso-Americano Sobre Educação, São José, Calif., 1992

- Presidente da Comissão de Oradores / Workshops e Mestre-de-cerimónias XX Congresso Luso-Americano Sobre Educação, São José, Calif., 1996.

- Presidente do Comité de Educação da Câmara de Comércio Portuguesa da Califórnia 1995-96)

- Membro da Comissão Organizadora e Mestre-de-cerimónias do V Encontro de Professores de Português dos EUA e Canadá que recebeu o Primeiro-Ministro de Portugal, Engenheiro António Guterres, na visita à Califórnia, São José, Calif., 1997

- Membro da Comissão Organizadora e Mestre-de-cerimónias da Celebração dos 25 Anos do 25 abril, São José, Calif., 1999

- Copresidente da Comissão Organizadora: XXXI Congresso Luso-Americano Sobre Educação, San Jose State University, São José, Calif., 2007

- Membro do Conselho Consultivo da Luso-American Education Foundation, 2004-2006

- Membro do Conselho Diretivo da Luso-American Education Foundation 2008-2016, 2018)

- Vice-presidente (Relações Públicas), Luso-American Education Foundation (2007; 2018)

- Encarregado das atividades de língua e cultura portuguesas do Cultural Summer Camp da Luso-American Education Foundation (University of California, Berkeley - 2005); University of California, Santa Cruz – 2006; Sonoma State University – 2007; University of California, Santa Barbara - 2008); University of San Francisco - 2009; University of California, Santa Cruz -2010; California State University, Long Beach - 2013; Saint Mary's College, Oakland, CA – 2014; University of California, Berkeley – 2015; Santa Clara University – 2016; Sonoma State University - 2017; Sacramento State University -2018; University of California, Santa Cruz -2019 - Presidente, Conselho Diretivo (Chairman of the Board of Directors), Luso-American Education Foundation, (dez. 2008- dez. 2016)

- Membro da Portuguese Heritage Publications of California - Chefe da Comissão de Seleção de Manuscritos para Publicação: 2005-2012; membro do Conselho Diretivo - Historiador (desde 2007)

- Membro do Conselho Consultivo, Luso-American Education Foundation (2017)

- Membro do Conselho Diretivo da POSSO (Portuguese Organization for Social Services and Opportunities), São José, Calif. (2010-2017)

- Vice-presidente da Assembleia Geral da Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (APPEUC) (2012-2013)

- Diretor Cultural do Portuguese Athletic Club, São José, Calif., (2010-2012)

- Presidente, Luso-American Education Foundation (dez. 2012 - dez. 2013) e 2018
- Membro do Conselho Consultivo do Consulado-Geral de Portugal em São Francisco, Califórnia (2013- 2019)
- Vice-presidente (Relações Públicas), Luso-American Education Foundation (2018)
- Vice-presidente do Conselho Diretivo, Luso-American Education Foundation (2020)
- Orador em várias atividades culturais e sociais na comunidade portuguesa na Califórnia

Publicações:

Poesia e alguma prosa:

O Cântico do Silêncio, Portuguese Heritage Publications of California, Inc.: San Jose, 2008.

Poesia incluída em:

Literatura de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos, Publicações Europa-América: Lisboa, 1982.

Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Série Migrações -Sociologia: Porto, 1986.

The Strawberry Saxifrage, The National Society of Published Poets: Riverview, Florida, 1977.

Andarilhagem (Nº 5), Direção Regional das Comunidades: Horta, 2009.

VI Antologia de Poetas Lusófonos, Folheto Edições & Design: Leiria, 2014

Poesia e artigos publicados na imprensa comunitária:

Jornal Português (Oakland / San Pablo, Calif.)

Tribuna Portuguesa/Portuguese Tribune (San Jose / Modesto, Calif.)

U.P.E.C. Life (San Leandro, Calif.)

The Brazilians (New York)

Textos de análise comunitária:

“Como Chegaram e foram recebidos os Imigrantes Pós-Capelinhos”/ The Arrival of the Immigrants and How They Were Received” in *Capelinhos: As Sinergias de um Vulcão – Emigração Açoriana para a América/Capelinhos: A Volcano of Synergies – Azorean Emigration to America*, Portuguese Heritage Publications of California: San José, 2008

Editor e coautor, *Portuguese Athletic Club: 50th Anniversary (1962-2012)*, (ed. bilingue), Portuguese Heritage Publications of California: San José, 2012

Legendas bilingues de vídeos:

Os Portugueses na Califórnia / The Portuguese in California, NPG Productions, San Jose, Califórnia

Os Portugueses na Nova Inglaterra / The Portuguese in New England, NPG Productions, San Jose, Califórnia

A Minha Terra é uma Ilha / My Home is an Island, de António João Saraiva, Lisboa, Portugal

Prémios / Honras:

Segundo Lugar – Poesia - Jogos Florais Camonianos - Centro Luso-Brasileiro, Southeastern Massachusetts University, 1972

Primeiro Lugar - Poesia - Fundo Literário Luso-Americano, Sacramento State University, Sacramento, Calif., 1976

Professor do Ano - Peter Burnett Middle School, 1986

Professor do Ano - San Jose High Academy: 1996, 1998, 2000

"Educator Award" - Câmara do Comércio Portuguesa da Califórnia, 1994

"Professor do Ano" - Portuguese Education Foundation of Central California - 2003

"Portuguese Language and Cultural Award" - Luso-American Education Foundation, March 11, 2017.

California State Assembly Certificate of Recognition - Assemblyman Greg Aghazarian:

"In honor of: your continuing dedication to the Portuguese community, for the enduring value of your academic achievement and research efforts..." (2003)

State of California Senate Certificate of Recognition - State Senator Jeff Denham:

"Honored by the California State Senate for his outstanding contribution and dedication to the Portuguese language and culture at the San Jose High Academy." (2003)

Referência de Honra - Congressional Record (Proceedings and Debates of the 108th Congress, First Session, U. S. House of Representatives) pelo congressista Hon. Dennis Cardoza, 21 de novembro de 2003: "...it is my honor to recognize Jose Luis da Silva ... for his contributions and dedication to sharing the language and culture of the Portuguese community with the many students of the San Jose High Academy. Mr. da Silva is a tireless advocate and tremendous resource for his students and our community."

Finalista, “Prémios Talento 2007” (Categoria – Divulgação da Língua Portuguesa), Ministério dos Negócios Estrangeiros, Gabinete do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas / RTP (8 de junho, 2008)

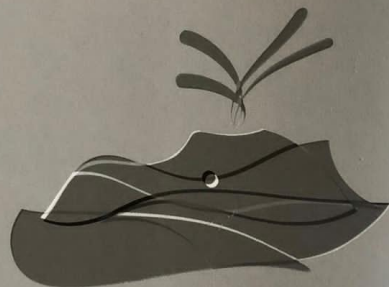
Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



Em 2012, durante um encontro de antigos alunos do Colégio “A Colmeia”, no Hotel do Colégio, onde esse colégio tinha funcionado previamente

Tony Goulart
Coordenador

CAPELINHOS
As Sinergias de um Vulcão
Emigração Açoriana para a América



TRADUÇÃO DOS TEXTOS DE
CAPELINHOS: A VOLCANO OF SYNERGIES

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO
50º ANIVERSÁRIO DO VULCÃO DOS CAPELINHOS



TONY GOULART
Coordenador

CAPELINHOS
As Sinergias de um Vulcão
Emigração Açoriana para a América



EDIÇÃO COMEMORATIVA

TRADUÇÃO DOS TEXTOS DE
CAPELINHOS: A VOLCANO OF SYNERGIES

Edição em Português patrocinada pela

Presidência do Governo Regional dos Açores
Direcção Regional das Comunidades

3. Como Chegaram e Foram Recebidos os Imigrantes Pós-Capelinhos

José Luís Neves Pereira da Silva - *San José High Academy, Califórnia*

As notícias da chegada iminente de uma onda de imigrantes causada pelo vulcão dos Capelinhos despertou a atenção da comunidade luso-americana na Califórnia. Composta predominantemente por gente de raízes açorianas, muitos já nascidos na Califórnia, esse grupo étnico tinha começado a chegar a esse estado norte-americano durante o auge da indústria da baleia no século XIX. Aumentara o seu número aquando da expansão económica causada pela Corrida ao Ouro, dedicando-se prioritariamente à agricultura e à pecuária. Se bem que a integração na sociedade californiana fosse comum, os luso-americanos conseguiam manter ligações com a sua longínqua terra natal através de laços familiares e de informação transmitida por programas radiofónicos e pela imprensa comunitária.

Na sua edição de 12 de setembro de 1958, o *Jornal Português* – um semanário publicado em Oakland – mostrava na primeira página uma fotografia dos senadores democratas John O. Pastore (Rhode Island) e John F. Kennedy (Massachusetts), com o título “Eisenhower Assinou a Lei que Permite a Entrada dos Faialenses”. Uma legenda, em inglês, explicava que os dois senadores tinham proposto conjuntamente “legislação que permitirá a entrada nos Estados Unidos de 1.500 portugueses, vítimas dos abalos de terra nas ilhas dos Açores”¹. Sete meses mais tarde, na sua edição de 24 de abril de 1959, o mesmo semanário publicou notícias da chegada de vítimas da crise vulcânica, em dois pequenos artigos: Um, intitulado “Sinistrados Faialenses nos Estados Unidos”, reproduzia uma fotografia do *Diário de Notícias* de New Bedford, Massachusetts, explicando como Francisco Matos, sua esposa e seis filhas (todos exibindo um largo sorriso), tendo sido “expulsos da sua terra pelo vulcão dos Capelinhos”, tinham fixado residência em New Bedford, em 118 Fruit Street, “num apartamento renovado e mobilado por seus tios, Mr. e Mrs. Manuel Morris, que patrocinaram a sua vinda para os E.U.”. Afirmava também que “O chefe da família trabalhará para o Sr. Morris que é empreiteiro”². Outro pequeno artigo, reproduzido da agência noticiosa portuguesa ANI, informava que um grupo de emigrantes, provenientes da ilha Terceira, tinha chegado a Santa Maria para apanhar um voo para os Estados Unidos. Os elementos desse grupo fixar-se-iam em Massachusetts (New Bedford) e na Califórnia (San Diego, Newman e Oakland)³.

Notícias de uma contínua onda de imigração eram publicadas na imprensa luso-americana. Em junho de 1959, um artigo mencionava que 136

sinistrados do Faial seguiam para os Estados Unidos⁴ enquanto que outro artigo anunciava a abertura da imigração para esse país de “picoenses com terras de sua propriedade no Faial prejudicadas pelas erupções vulcânicas dos Capelinhos”⁵. O *Jornal Português* relatava algumas semanas mais tarde que “82 sinistrados do vulcão dos Capelinhos” tinham partido em direção aos Estados Unidos⁶. Imigrantes do Faial e de outras ilhas dos Açores – desde que pudessem demonstrar uma ligação ao vulcão, por mais ténue que fosse, continuaram a chegar e a fixar residência nas mais variadas localidades de norte a sul da Califórnia, incluindo um grupo de 49 indivíduos que foram para 31 lugares diferentes do estado nos finais do ano de 1959⁷. O impacto desses números foi sentido na comunidade, como atesta a reportagem de que “É grande o número de sinistrados do Faial que já se encontra na cidade de Sacramento”⁸. O aumento crescente dessa onda imigratória foi provavelmente intensificada pelas notícias de que, para além das 1.500 famílias já autorizadas a emigrar dos Açores, “mais 500 famílias açorianas, em resultado da legislação aprovada pelo Congresso, poderão fixar-se nos Estados Unidos”⁹.

A comunidade portuguesa, que os imigrantes do fluxo dos Capelinhos encontraram na Califórnia, era composta por três grupos diferentes¹⁰. Um incluía os “antigos” que tinham imigrado quarenta ou cinquenta anos antes. Segundo Carlos Almeida, que chegou à Califórnia mesmo antes das erupções dos Capelinhos, vindo a ser uma voz poderosa e respeitada no movimento fraternal português na UPEC, os “antigos tinham sofrido na pele muita coisa – discriminação e outras coisas”¹¹. Tinha vencido através de muito trabalho e exibiam a atitude de “eu trabalhei como um negro, eu sacrifiquei-me; o outro que trabalhe também”¹². Alguns desses imigrantes, porque tinham mantido ligações com a terra natal, ao mesmo tempo que se iam estabelecendo bem na Califórnia, estavam na situação de poder ajudar os novos imigrantes, e muitos deles fizeram-no¹³.

Outro grupo era composto por descendentes de imigrantes de segunda e terceira gerações. Alguns tinham estudado, frequentado a universidade, e tinham “outra conceção do que é a vida... e compreendiam que a educação é importante. Foram eles que fizeram algumas coisas” para ajudar os imigrantes¹⁴. Outros, tais como os que viviam e trabalhavam nas vacarias, onde muitos imigrantes dos Capelinhos encontraram trabalho, eram limitados na sua educação, apesar de terem frequentado a escola secundária. Tinha uma vida um tanto isolada, completamente dedicada ao trabalho: “passavam meses a ordenhar vacas e não iam a parte nenhuma”¹⁵.

O terceiro grupo importante encontrado na comunidade era o composto

por imigrantes recentes, aqueles que, apesar das restrições impostas pela lei de imigração dos Estados Unidos desde os anos vinte, continuaram a chegar, se bem que em número limitado, quer através do sistema de quotas ou de procedimento mais flexível fora dessas quotas ¹⁶. Esses imigrantes mais recentes foram os que mais se envolveram na ajuda aos que chegavam na onda dos Capelinhos, especialmente “se eram conhecidos ou se havia algum parentesco, mesmo que desviado”¹⁷.

Um dos maiores obstáculos aos açorianos que desejavam emigrar para os Estados Unidos era a necessidade de obter um termo de responsabilidade de alguém já residindo na América, que tivesse rendimentos suficientes para assumir a responsabilidade financeira pelos primeiros cinco anos de estadia nos EU ¹⁸. Se tinham parentes ou conhecidos nesse país, aquela tarefa estava facilitada. De outro modo, teriam que apelar à solidariedade dos seus compatriotas nos Estados Unidos, na esperança de que alguém estivesse disposto a correr o risco de assinar aquele documento, algo que nem todos quisessem fazer ¹⁹. Foi esse o percurso escolhido por Francisco Duarte Garcia, de quarenta e sete anos de idade, dos Flamengos, ilha do Faial, ao tentar emigrar para os Estados Unidos, em 1959, junto com a sua esposa, Hortense da Silva Abreu, de quarenta e dois anos; o filho, Francisco Hermínio, de treze anos; e as filhas, Maria Hortense, de doze anos, e Maria Lúcia, de seis anos de idade. Publicou um apelo no *Jornal Português*, afirmando que tinha sofrido as “consequências das erupções vulcânicas dos Capelinhos e terramotos de 13 de maio do ano findo” e que “pretendia, por isso, emigrar para os Estados Unidos da América do Norte, ao abrigo da lei especial que concede entrada àqueles que foram atingidos pela catástrofe.” Não necessitava “de dinheiro para passagens suas ou de sua família, dispondo ainda de \$1.000 que levará consigo para as primeiras despesas. É lavrador e tem condições de trabalho indispensáveis. Contudo, falta-lhe o respetivo ‘Termo de Responsabilidade’, visto não conhecer ninguém nem ter parentes nos Estados Unidos.” Concluiu “pedindo que qualquer pessoa que por ele se queira interessar” lhe envie o tal “termo de responsabilidade”. Esse apelo é seguido de uma nota do diretor do jornal, Alberto Lemos, que sugere que os faialenses da Califórnia têm “uma ótima oportunidade de proporcionar uma vida melhor a uma família inteira e conseguirem bons e dedicados trabalhadores como, vulgarmente, são todos os açorianos. Ao menos que algum dos nossos bons e generosos leitores mande vir o cabeça de casal que, depois de cá estar, arranjará para o resto da sua família vir”²⁰. José de Faria, de Castelo Branco, Faial, fez um apelo semelhante em várias edições do jornal de Oakland. Casado, pai de uma menina de quinze anos e de um rapaz

de nove, o Sr. Faria declarava que “devido aos estragos causados pelo vulcão tem passado sérias dificuldades e que, tendo já autorização do Consulado dos E.U., nos Açores, apenas lhe falta um Termo de Responsabilidade”²¹.

A resposta comunitária ao pedido desses termos de responsabilidade foi, em geral, muito positiva. Além da ajuda fornecida por amigos e parentes residentes na Califórnia ²², houve vários casos de extraordinária participação, como aquele relatado no *Jornal Português*, do “Sr. Gabriel Moitoso, grande ‘rancheiro’ de Tracy”, que “já mandou vir 30 sinistrados e está preparando documentação para mais 70. Ao todo 100 pessoas que sofreram com o aparecimento do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, darão entrada na Califórnia, sob o generoso patrocínio deste benemérito e simpático faialense.” O jornal também se refere à “simplicidade e modesta atitude de Gabriel Moitoso, que nos referiu o caso como se tratasse do ato mais comum e natural do mundo! Um verdadeiro filantropo, na mais larga aceção do termo”²³. O mesmo jornal noticiava também que “vinte e um sinistrados do Faial entraram já na Califórnia chamados pelo Sr. António Silva, de Santa Clara”, e que “também o Sr. Manuel Gomes, de Stockton, já mandou vir 7 sinistrados para a Califórnia”²⁴. Outro caso semelhante foi o do Sr. Manuel Furtado, um lavrador “muito generoso” de Tracy, que patrocinou a vinda de cinquenta famílias da sua freguesia no Faial, o Salão ²⁵. Poder-se-ia debater, porém, se alguns lavradores e outros teriam beneficiado dessa fonte laboral vulnerável e barata, que poderia ser explorada para fins económicos ²⁶.

Uma vez conseguida a documentação adequada e chegado aos Estados Unidos, os imigrantes tinham que lidar com a situação de procurar emprego que lhes permitiria sobreviver e estabelecer novas raízes. Muitos encontraram trabalho nas vacarias, enquanto outros foram trabalhar em jardinagem, construção, pomares e adegas ²⁷. Um número significativo também foi trabalhar em serviços de limpeza ²⁸.

Em princípio, quem providenciava o termo de responsabilidade tentava encontrar emprego para o imigrante. Contudo, a situação nem sempre foi a melhor para os recém-chegados. Num artigo muito interessante publicado no jornal de Hayward, Califórnia, *Voz de Portugal* (fundado em 1960 por Gilberto Aguiar), Higino Costa, que mais tarde seria uma voz bem conhecida da rádio portuguesa na área da baía de San Francisco, debruçou-se, com perspicácia, sobre a situação dos imigrantes. Segundo ele,

a responsabilidade tomada pelo “fiador” faz com que ele se esforce por conseguir emprego [para o imigrante] para, assim, se libertar das consequências

financeiras a que estaria obrigado se o ‘afiançado’ não obtivesse, por meios próprios, o indispensável dinheiro para as suas despesas. Naturalmente o emigrante, por imperativo moral (e material) para com o compromisso assumido pelo seu ‘fiador’, aceita o emprego, mesmo quando este está fora dos seus conhecimentos técnicos ou literários, e faz dele a sua vida profissional, muitas vezes, em condições bastante difíceis de adaptação.

Por exemplo: um indivíduo, que toda a sua vida trabalhou como carpinteiro, tipógrafo ou comerciante de artigos de luxo, obtém trabalho como cavador numa *nursery* (casa de flores).

E como pode ele sair desse emprego, que não está dentro das suas possibilidades técnicas ou dos seus conhecimentos de negócios?

Muito dificilmente. Primeiro porque o seu fiador já não tem preocupação em procurar-lhe outro emprego e, muitas vezes, se lhe falar nisso, ergue o seu estômago ao pino, empertiga-se na sua voz de importância (usada somente em momentos solenes) e profere a ‘sentença definitiva’: ‘Meu amigo, isto aqui é a América. Aqui todos principiaram por trabalhar no duro’ (e cita o seu exemplo quando trabalhou no rancho, etc.,) ‘e tu’ (ou você em certos casos) ‘não és mais fino que não comas nozes;’

O autor continua afirmando que se ouvia frequentemente na comunidade, em conversas sobre a obtenção de melhor trabalho, que “se ele está à espera dos portugueses para conseguir um emprego, ficará toda a vida desempregado”²⁹. Contudo, segundo Carlos Almeida, essa situação poderia ter acontecido porque “os que estavam cá não estavam em posição de os empregar... porque a maior parte deles [imigrantes] não falava inglês e... a nossa comunidade estabelecida aqui não estava em posição de negócios... para empregar pessoal”³⁰.

O mesmo Higino Costa prossegue, perguntando: “Porque não fazemos algo mais pelos nossos conterrâneos enquanto é tempo?” e afirma que “Há tantos, infelizmente, ainda desempregados.” A sua sugestão é que as

sociedades fraternais portuguesas deveriam criar uma secção de empregos, que ajudaria os seus futuros associados de uma maneira semelhante à lista de empregos mantida pelo programa radiofónico *Portugal de Hoje* ³¹. Essa ideia, porém, de acordo com Carlos Almeida, não seria viável porque essas sociedades fraternais, segundo os seus estatutos, só tinham obrigações para com os seus membros.

É interessante notar que, na imprensa luso-americana local, não se pode encontrar nenhuma referência a atividades de angariação de fundos para ajudar os recém-chegados, enquanto que aparecem inúmeras menções a campanhas para apoiar outras causas, incluindo a beatificação do Padre Cruz ³², os sinistrados do Chile ³³, a igreja de S. Caetano no Pico ³⁴, os quatro gémeos de uma humilde família de Lisboa ³⁵, e, depois dos ataques em Angola pelos movimentos de independência, a Cruz Vermelha de Angola ³⁶. Houve muitas páginas de jornal dedicadas à campanha de angariação de fundos para as vítimas no Faial, culminando com a visita de uma delegação da Califórnia que, em 1958, foi aos Açores entregar uma grande quantidade de fundos para os sinistrados dos Capelinhos, e que acabou por ir a Lisboa e ser recebida pelo Presidente da República e o próprio Salazar! ³⁷ Pode parecer estranho encontrar tamanho silêncio por parte de instituições comunitárias portuguesas na Califórnia quanto às enormes dificuldades encontradas pelos recém-chegados, enquanto demonstravam grande generosidade para com um grande leque de causas, incluindo a situação das vítimas do vulcão que ainda residissem no Faial. A resposta a esse enigma poder-se-á encontrar no facto de que os imigrantes anteriores tinham-se esforçado tanto quando chegaram, tinham criado os seus próprios trilhos na vida, tinham desenvolvido um profundo sentido de autossuficiência através de trabalho duro e sacrifício, que não podiam tolerar que outros, vindos mais tarde, não pagassem esse mesmo preço. Para alguns, “era preciso trabalhar. Trabalhar era uma espécie de sadismo, era preciso sofrer para se chegar a respeitar o valor da riqueza, o valor do dinheiro”³⁸. Outra razão podia ser: havia um sentimento na comunidade de que, como parentes e amigos tinham patrocinado a vinda dos imigrantes, já havia uma rede social para apoiá-los.

Confirmando a realidade do trabalho árduo encontrado pelos recém-chegados, um artigo reproduzido no jornal *Telégrafo* do Faial relata as impressões que chegavam àquela ilha nas cartas dos imigrantes dos Capelinhos:

Há cartas que revelam contentamento perante a nova situação, há cartas que mostram certo inconformismo,

há cartas que manifestam desilusão. Contudo, de um modo geral, todas as notícias provenientes dos emigrantes do Faial trazem, mais ou menos vincada, a palavra Trabalho palavra fundamental e por vezes rude naquelas paragens. Em nosso entender, quem não levar essa palavra no pensamento, quem não a colocar sob o ímpeto da vontade, acabará por desiludir-se ³⁹.

Deve-se dizer que os imigrantes, na sua maioria acostumados a uma vida rural difícil nos Açores, não tinham medo de trabalho e eram procurados não só por luso-americanos donos de vacarias, como também por grandes proprietários não portugueses, como a família Gallo, dona de adegas e pomares em Modesto e Stevinson ⁴⁰. Como os seus antecessores, os novos imigrantes esforçar-se-iam no trabalho duro, ganhariam os seus “galões”, e encontrariam um lugar na manta de retalhos social que é a Califórnia. Contudo, contrariamente a imigrantes em outras terras distantes ou tempos diferentes, “aqui já tinham amigos, já tinham familiares, pelo menos falavam a língua, ouviam os seus rádios”⁴¹. Apesar de críticas pontuais que possam ser lançadas a certas atitudes da comunidade luso-americana do Golden State, é inegável que o papel desse grupo no acolhimento e ajuda aos novos imigrantes foi positivo, providenciando uma infraestrutura socioeconómica e cultural que simplificou o processo de imigração e assimilação.

Cada imigrante tem a sua história, algumas mais positivas que outras. Um caso claro de uma experiência mais suave foi a de Gilberto (Gilbert) Lima, que emigrou de Pedro Miguel, Faial, em 1960, com 16 anos. O seu irmão de 23 anos, Joe, já tinha uma namorada portuguesa na Califórnia, que convenceu a família a patrocinar a vinda do seu futuro marido. Uma vez na Califórnia, Joe mandou vir o resto da família. O pai, de 50 anos, veio primeiro com duas das irmãs de Gilberto em 1959, seguidos dos restantes elementos da família, incluindo a mãe, de 44 anos, e os outros filhos. O pai, que tinha sido carpinteiro no Faial, e Joe foram trabalhar em Pleasanton numa oficina de marcenaria especializada em armários de cozinha, propriedade de dois imigrantes suíços que os empregaram sob recomendação de dois portugueses que lá trabalhavam. Gilberto, que durante os primeiros meses desejava voltar para o Faial, frequentou a escola, aprendeu inglês e integrou-se rapidamente, em parte porque vivia numa área com poucos portugueses. Os seus contactos com a comunidade portuguesa eram principalmente com o Vale de São Joaquim – um tio em Turlock e outros familiares em Fresno. Ia às festas do Espírito Santo e às reuniões da Sociedade de Santo António, e em casa

ouviam o programa radiofónico de Joaquim Esteves, onde Gilberto se informava das festas e de ofertas de emprego. A mãe ia às vezes a Oakland onde o Dr. Madeira, médico de família, a tratava em português. Depois de terminar a escola secundária, Gilberto frequentou um instituto universitário (community college), onde completou o curso cinco anos após a sua chegada à Califórnia e se tornou um desenhador de sucesso, tendo registado a patente de uma das suas invenções. Reconhece que o seu êxito se deve a uma atitude de trabalho árduo, de querer sobreviver, avançar na vida, fazer alguma coisa de si próprio ⁴².

Outras histórias podem ter um começo mais complicado, como é o caso de Francisco Cota Fagundes que, depois de emigrar da ilha Terceira para Tulare, em 1963, passou por tempos difíceis a caminho de uma distinta carreira mais tarde como ilustre professor de Português numa prestigiada universidade da costa leste americana. Chegou primeiro com o seu irmão e foi trabalhar numa vacaria. Ambos puderam assinar o termo de responsabilidade para o resto da família, com três ou quatro mil dólares que ganharam em onze meses. Trabalhou para um filho de imigrantes dos Biscoitos, Terceira, que, segundo Francisco, explorava os empregados, pagando menos do que o salário habitual e fazendo-os trabalhar das duas às nove da manhã, e, outra vez, das duas da tarde às nove da noite. Mais tarde, foi trabalhar para um tio que, depois de três meses de trabalho, o despediu sem lhe pagar o salário, alegando que ele queria namorar a sua filha. Só um ano depois do seu pai chegar, é que, trabalhando juntos para um italiano que era proprietário de uma vacaria, Francisco poderia afirmar: “chegámos à América.” Segundo ele, “as experiências que eu tive e as experiências que os meus irmãos tiveram e as experiências que o meu pai teve, trabalhando para portugueses, foram todas péssimas. Os portugueses não só nos exploravam. Maltratavam-nos, chamando-nos nomes”⁴³.

Houve, porém, muitos indivíduos que, numa verdadeira demonstração de altruísmo e solidariedade, fizeram tudo o que podiam para ajudar os imigrantes. Tal foi o caso de Lionel Goularte, filho de imigrantes açorianos. O seu pai, Joaquim, tinha chegado do Faial em 1906, e a mãe, Adelaide Jacinta Garcia, do Pico, em 1908. Depois de se conhecerem e casarem em 1911, em Watsonville, os pais mudaram-se para Warm Springs, Fremont, onde tiveram uma grande família. Quando ocorreu a imigração dos Capelinhos, o pai patrocinou um dos seus sobrinhos e também permitiu que muitos recém-chegados ficassem um mês ou dois nos quartos de cama adicionais que tinham na sua casa de então em Newark. Entretanto, Lionel, que frequentava a universidade, ia encontrando emprego para muitos imigrantes que vinham

a sua casa pedir ajuda. Como muitas dessas pessoas eram do Pico e tinham experiência de vindimas, Lionel conseguiu que muitos deles fossem trabalhar no Vale de São Joaquim para a família Gallo, onde alguns apanhavam e transportavam uvas, enquanto outros trabalhavam nos pomares de pessegueiros dessa família, muitas vezes chefiados por portugueses da imigração antiga. Esses imigrantes eram hospedados num conglomerado de casas, em grupos de dez a doze famílias, cada uma numa residência de dois ou três quartos de cama com cozinha, sala de jantar e uma casa de banho. Recebiam casa, eletricidade e água grátis. Trabalhavam apanhando uvas ou outra fruta até ao sol-pôr, altura em que a mãe cozinhava e arrumava a casa. As crianças iam para a escola e as filhas mais velhas tomavam conta dos mais novos. Como sabia que esses imigrantes tinham muitas necessidades, Lionel pedia a conhecidos e familiares que oferecessem cobertores, toalhas, mobília e utensílios de cozinha, muitas vezes gastando o seu próprio dinheiro para a compra de tais coisas. Às vezes, alguns ofereciam televisores usados, que se transformavam no artigo de luxo das famílias que muito apreciavam os esforços do Lionel. Este chegava a conduzir o automóvel por largas distâncias para entregar-lhes essas coisas e levar os novos imigrantes às compras. Durante três anos, vestiu-se de Pai Natal pela época natalícia e, anonimamente, entregava brinquedos, jogos e bonecas às crianças; artigos mais práticos aos adultos, tais como torradeiras e cafeteiras para as senhoras, e carteiras e canivetes para os homens e rapazes mais crescidos. Também eram muito apreciados vários produtos alimentícios que ele trazia. Só anos mais tarde, é que eles descobriram quem era o seu benfeitor de Natal. Lionel também conseguiu que houvesse aulas de Inglês no conglomerado duas vezes por semana. Uma grande dificuldade encontrada por esses imigrantes era a falta de médicos e padres que falassem português, o que, segundo Goularte, foi uma falha grave por parte do governo português, que deveria ter providenciado tal apoio aos imigrantes. Depois de alguns anos a trabalhar para a firma Gallo e a poupar dinheiro, muitas dessas famílias deslocaram-se para a área da baía de São Francisco onde compraram casas. Os homens passaram a trabalhar principalmente em empresas de limpeza, enquanto as mulheres trabalhavam em fábricas de conserva. Os filhos, agora crescidos, também foram trabalhar: os rapazes especialmente na construção, e as raparigas em escritórios e lojas. Outras famílias ficaram no Vale de São Joaquim e compraram vacarias ⁴⁴.

Revendo a maneira como a comunidade luso-americana da Califórnia recebeu a onda imigratória dos Capelinhos, pode-se dizer que, de um modo geral, apesar de certas limitações, desempenhou o seu papel relativamente

bem. A comunidade, já enraizada no Golden State, providenciou aos imigrantes a necessária documentação legal, contactos sociais e conhecimentos da nova sociedade que ajudaram os recém-chegados a fixarem-se e tornarem-se suficientemente aculturados para sobreviver no Novo Mundo. A imigração não é uma aventura fácil; muitas vezes é uma experiência dolorosa, como um renascer em que o indivíduo tem que se transformar para se adaptar às novas realidades sociais, económicas, culturais e linguísticas. Pela sua sólida presença no novo continente, e pelas ligações culturais e linguísticas que tinha com os imigrantes, a comunidade luso-americana serviu de ponte que proporcionou aos recém-chegados a travessia desde os mares açorianos até à terra de promessa no Pacífico. A travessia nessa ponte pode não ter sido sempre perfeita, e havia uma portagem a pagar – o trabalho árduo e os sacrifícios pelos quais tiveram que passar –, mas permitiu que os imigrantes dos Capelinhos pusessem os pés no outro lado do mundo e comesçassem uma nova vida para si próprios e seus descendentes.

Notas

¹ “Eisenhower Assinou a Lei que Permite a Entrada dos Faialenses.” *Jornal Português*, 12 de setembro de 1958.

² “Sinistrados Faialenses nos Estados Unidos.” *Jornal Português*, 24 de abril de 1959.

³ “Açorianos a Caminho dos E.U.” *Jornal Português*, 24 de abril de 1959.

⁴ “Seguem para os Estados Unidos 136 Sinistrados Faialenses.” *Jornal Português*, 19 de junho de 1959.

⁵ “Também os Picoenses Sinistrados das Erupções Vulcânicas Podem ir para os E.U..” *Jornal Português*, 19 de junho de 1959.

⁶ “Mais Sinistrados do Vulcão dos Capelinhos Partem, como Imigrantes, para os Estados Unidos.” *Jornal Português*, 3 de julho de 1959.

⁷ “Sinistrados do Faial que Recentemente Chegaram à Califórnia.” *Jornal Português*, 11 de dezembro de 1959.

⁸ “Notícias de Sacramento.” *Jornal Português*, 1 de outubro de 1960.

⁹ “Mais Quinhentas Famílias Açorianas dos Capelinhos Poderão Fixar-se nos Estados Unidos.” *Jornal Português*, 15 de julho de 1960. Note-se que o termo “1500 vítimas”, usado em 1958 tinha mudado para “1500 famílias”, em 1960 uma grande diferença considerando que muitas dessas famílias eram bastante numerosas.

¹⁰ Almeida, Carlos. Entrevista, 19 de julho de 2007.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Goularte, Lionel. Entrevista, 2 de agosto de 2007.

¹⁴ Almeida.

¹⁵ Fagundes, Francisco Cota. Entrevistado por Eduardo Mayone Dias. *Açorianos na Califórnia: Prólogo, entrevistas e notas por Eduardo Mayone Dias*. Angra do Heroísmo: Coleção Diáspora, 1982, 177-217.

¹⁶ “A Imigração em 1957 Atingiu o Número Mais Alto em Trinta Anos.” *Jornal Português*, 12 de setembro de 1958.

¹⁷ Almeida.

¹⁸ Costa, Higino. “O Emigrante e o Conceito que dela Fazem os seus Conterrâneos” *Voz de Portugal*, 11 de abril de 1961.

¹⁹ Lima, Gilbert. Entrevista, 17 de julho de 2007.

²⁰ “Apelo aos Faialenses.” *Jornal Português*, 14 de agosto de 1959.

²¹ “É Preciso um ‘Termo de Responsabilidade.’” *Jornal Português*, 7 de agosto, 4 de setembro, 25 de setembro, 1959.

²² Goularte.

²³ “Gesto Nobre: Gabriel Moitoso, de Tracy e os Sinistrados do Faial.” *Jornal Português*, 28 de agosto de 1959.

²⁴ “Nobres Exemplos: Sinistrados do Faial,” *Jornal Português*, 6 de novembro de 1959.

²⁵ Goularte.

²⁶ Almeida.

²⁷ Goularte.

²⁸ Almeida.

²⁹ Costa.

³⁰ Almeida.

³¹ Costa.

³² “Subscrição a Favor da Beatificação do Padre Cruz.” *Jornal Português*, 21 de novembro de 1958.

³³ “Apelo.” *Jornal Português*, 8 de julho de 1960.

³⁴ “Lista dos Donativos a Favor da Igreja de S. Caetano, Ilha do Pico, Açores.” *Jornal Português*, 6 de junho de 1960.

³⁵ “Um Apelo a Favor dos Quatro Gémeos.” *Jornal Português*, 25 de março de 1960.

³⁶ “\$2,190.32 Dólares Remetidos para a Cruz Vermelha de Angola pela Comissão ‘abril em Portugal.’” *Jornal Português*, 10 de novembro de 1961.

³⁷ “A Deputação da Colónia foi Recebida em Lisboa no dia 29 de agosto pelo Chefe do Estado e por Salazar.” *Jornal Português*, 5 de setembro de 1958.

³⁸ Fagundes.

³⁹ “A Vida dos Emigrantes Faialenses nos E.U. segundo *O Telégrafo*.” *Jornal*

Português, 27 de novembro de 1959.

⁴⁰ Goularte.

⁴¹ Almeida.

⁴² Lima.

⁴³ Fagundes.

⁴⁴ Goularte.



Representando a Luso-American Education Foundation, como presidente da Fundação, durante um evento comunitário em 2018.



Apresentando o romance Murmúrios com Vinho de Missa, de Álamó Oliveira, a 11 de julho de 2013, no Portuguese Athletic Club, em San Jose, Califórnia



Usando da palavra em 2013, como Presidente da Luso-American Education Foundation, durante o Congresso de Educação da LAEF, que teve lugar em Turlock, Califórnia, no ano do Cinquentenário da Fundação.

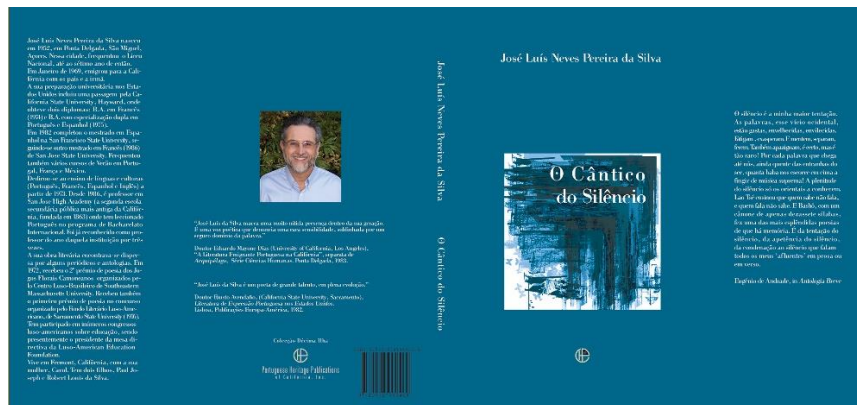


Assistindo ao Congresso de Educação da Luso-American Education Foundation na Universidade de Califórnia, Berkeley, em 2014

Nota do Autor

Este livro não é partida nem chegada. Os textos que nele vão espalhados são pequenos marcos multiformes no atalho sinuoso de várias décadas de uma vida que, sem alardes, tentou servir para alguma coisa.

Não foi fácil transplantar uma árvore de raízes genéticas tão profundas nas verdes terras do Atlântico, já de si arrancada da pátria ancestral séculos atrás. Restaram as palavras e a lembrança forjada na história e no saber de uma gente. Foram essas as sementes que fui lançando nesta terra limpa e inocente que até me soube aceitar, quase sem me conhecer.



Da história dos que partiram muito há para contar. Cada um diz o que pode e o que sabe. Espero que os textos que aqui vão sirvam para esboçar o meu pedaço na manta de retalhos da diáspora portuguesa espalhada por este mundo fora.

Quanto ao título do livro, deve-se à minha constante preocupação por evitar contorcidas formas barrocas e ser parco nas palavras que devem ser aquelas absolutamente necessárias para transcrever a mensagem que quero deixar. Num mundo de contínuas correrias e de excessiva informação parece-me que o espírito humano carece cada vez mais do tempo que proporciona o silêncio conducente à poesia. Penso que na simplicidade da palavra justa, aliada à sugestão das imagens e à musicalidade da linguagem, é possível criar uma voz que, ao contrastar com o silêncio de quem a ouça, devolva a magia do momento poético original. Oxalá haja neste livro pelo menos um texto que tenha essa virtude.

Espero que o leitor saiba e queira compreender que este pequeno trabalho

engloba vivências de várias épocas, circunstâncias e espaços, desde o jovem que partiu de uma pequena ilha distante até ao homem que foi fazendo o seu percurso humano e profissional em paragens que continuamente desafiaram a essência da sua maneira de viver o mundo, enriquecendo-o com a aventura da mudança.

4. O CÂNTICO DO SILÊNCIO

José Luís Neves Pereira da Silva

Fremont, Califórnia

Prefácio

Canteiros de Esperança *

Se a joia da literatura é a poesia, como escreveu algures Somerset Maugham, então temos nesta coleção de poemas de José Luís da Silva, um punhado de joias. É que este Cântico do Silêncio, está repleto de versos que retratam as experiências de um cultivador da palavra, o qual é, simultaneamente, um grande humanista. Aliás, esta coletânea é indicativa do percurso do emigrante, do professor, do ativista comunitário e acima de tudo do poeta, sensível ao seu mundo, que é, ao fim e ao cabo, um mundo composto por todos os mundos, aberto a todos os universos. Este livro está recheado do que Samuel Johnson disse ser o verdadeiro poema: “a arte de agregar o prazer à verdade”.

Ao longo deste livro de poesia, o leitor irá descobrir a profundidade dos poemas de José Luís da Silva. Começando com uma trilogia do emigrante, em que o poeta relembra-nos os sonhos que todo o ser humano, ao sair da sua terra, transporta consigo. É que, independentemente da região, ou do país de origem, e até das razões que o levaram a sair, a história é comum e há sempre “um cálice cheio de esp’rança/que a terra-mel vai tragar”. Estamos perante a metáfora exemplar das vivências e dos dilemas que quem deixa a sua terra forçosamente terá que enfrentar. Daí que a poesia do José Luís, preenche o que Edmund Burke disse ser a essência do poema, ou seja: “substanciar as sombras.” Ler e refletir esta coletânea é viver uma mescla de emoções. É que cada poema contém uma história, a qual se intercala com o poema que se segue e com o que se leu. Há um conjugação cuidada entre a saudade dum tempo passado e das vivências contemporâneas. Há uma simbiose entre o passado e o presente. Em cada verso há um encanto, uma descoberta, uma história, uma genuína ponderação interna, porque a poesia de José Luís da

Silva é paradigmática do que escreveu W. B. Yeats: “das quezilas com os outros fazemos retórica; das quezilas com nós próprios fazemos poesia.”

José Luís da Silva dá-nos ainda uma visão diferente da emigração. Como professor de português numa escola secundária americana vive, quotidianamente, a sua própria *Peregrinação*. Quer no poema “Peregrinações”, quer nos subsequentes “Pátria” e “Pátria L’USA”, estão fragmentos de quem dedicou a sua vida a ensinar a língua e a cultura portuguesas, não só a filhos e netos de emigrantes, mas também a todos quantos no “melting pot” americano queriam aprender a língua portuguesa. Daí que o poeta, quer pelo seu contacto com as novas gerações de lusodescendentes, quer pela sua convicção de viver uma emigração diferente, compreende, e diz-nos, abertamente, que a: “minha terra é onde estou, mesmo estando em terra nova”. E é nessa terra nova que o poeta constrói o seu universo, o qual inclui a língua inglesa, na qual temos um dos mais sublimes poemas desta coletânea “A Window to the Sea”.

Uma breve palavra sobre a escolha da ordem destes poemas. Sem dúvida que estamos perante um ciclo marcante na vida do poeta, que é o mesmo que dizer, na vida da poesia. É que, começando com o “Silêncio” e o “Fado”, passando por uma rica seleção de temas, incluindo o interessantíssimo conto, o “Chicharro da América”, este livro que atravessa ilhas e continentes, alberga diversos temas pertinentes, e acaba com um poema marcante: “No Meu Quintal”. Aqui, o poeta ilustra-nos, clara e inequivocamente, que a nossa universalidade só existe quando estamos à vontade em todos os espaços, particularmente no nosso próprio quintal. É um poema riquíssimo em imagens sobre a condição humana. É um grito poético à justiça e à solidariedade, as quais devem começar no nosso próprio cosmos, porque como nos diz: “no meu quintal/existe a liberdade dos pássaros/que cantam, impávidos/o momento exato e eterno/dos deuses”.

Construindo metáforas perfeitas, interligando mundos e culturas, este é um *Cântico* que deve ser lido em *Silêncio*. Tal como Somerset Maugham, também acredito que a poesia é “a atividade mais sublime do pensamento humano. É a realização do mais belo, do mais distinto. É que o escritor de prosa deve apenas fugir para o lado sempre que o poeta passa”. Daí que, coloco ponto final nesta prosa, e apresento-vos o poeta José Luís da Silva.

Diniz Borges, Tulare, Califórnia

- do poema “Noturno I”

SILÊNCIO

O silêncio vale mais
Que o poema.
Por isso é que a palavra
Tem que ser humilde e reta
Como quem pede desculpa
De estar vivo.

FADO

Cisma, poeta perdido
Num mundo distante
Sem guitarras nem becos
Que cantem o teu triste fado.

Cisma sem ecos de amor
Que cantem o teu triste fado.



José Luís da Silva a ser entrevistado pelo professor Diniz Borges

CREATIO

A pedra vazia
Abre-se num gemido
Sufocado.

A maré-cheia
Toca o bombo.

Uma gaivota sai
Riscando o ar
Derramando gritos de gume.

Onde está, poeta,
A tua coroa de louros,
Algas apanhadas
No mar dos teus sonhos?

TRILOGIA DO EMIGRANTE

O emigrante sorri
E com mão trémula acena
P'ra o que deixa atrás de si
E até de si sente pena.

I

Da terra-mãe se separa
Levando consigo a dor
Do corte cru que não sara
E que o rói num lento ardor.

II

Paira em nuvens de incerteza
Sobre o abismo da sorte
Como andorinha indefesa
À procura do seu norte.

III

A novos mundos se lança
Por não ter onde medrar
– Cálice cheio de esp'rança
Que a terra-mel vai tragar.

O emigrante sorri
E com mão trémula acena
P'ra o que deixa atrás de si
E até de si sente pena.

MEDITAÇÕES

Que aconteceu ao menino
Que passeava
Mãozinha dada com o seu avô?

Um sonho sonhado é só um sonho
Que se esquece e acaba por morrer
Mas quem me dera o tempo risonho
Em que vivia sonhos vazios de viver

Que aconteceu ao menino
Que sonhava
Que era polícia, apanhava ladrões?

Nas minhas ânsias totais de ter
Perdi tudo o que mais queria
E a minha ânsia é já por não ser
Aquilo que fui o outro dia

Que aconteceu ao menino
Que tanto gostava
D'ir prá doca ver os vapores?

O amor que, de outrora, tinha guardado
Foi-se esgotando em seres que o não queriam
Perdido na tempestade do seu fado

Nem viu os portos que, com carinho, o acolhiam

Que aconteceu ao menino
Que semeava
Moedas de dez centavos?

Desterrado da terra que me dera
Sou super-patriota sem pátria
Faço-me lembrar uma fera
Que urra, imponente, na jaula fria

Que aconteceu ao menino
Que desejava
Ir p'rá escola, vir a ser grande?

Na praia nua do meu surdo ter de ser
Sinto a raiva louca de quem foi enganado
Dei a mim próprio a esperança de um viver
Que passa ao longe sem sequer me ter notado

Que aconteceu ao menino
Que aconteceu?

1972

NOTURNO I

A noite crava-me a sua lança
No peito inquieto
E chora comigo
A traição da vida.

O fel da solidão
Cresce
No (meu) jardim de tristezas...

Ai, se é possível,
Apartai de mim este cálice
De violetas

E deixai florir a luz
Em canteiros de esperança!

TERRA DA PROMISSÃO

“Cumpro contra o Destino o meu dever.”
Fernando Pessoa, in *Mensagem*

Ai, que me encheram a pança
De trabalho (que sempre aceitei)
E me puseram a secar ao sol
À espera das rodas do moinho!

América,!
Porque teimas em gastar à toa
O tesouro escondido
Nos limos da cisterna
Dos meus sonhos?
Porque me queres denso cão de guarda
Se sabes que nasci
Para o voo
Translúcido
Das gaivotas?
Porque não me abres a janela
De par em par
Para eu te dar
Um beijo louco na boca?

NOTURNO II

Noite malina
Noite cruel
Porque me vens bater à porta?

Levaram-me os sonhos
Levaram-me o tempo
E nunca esperaram

A voz do meu eco.
Porque me vens bater à porta?

Se sabes que calo
O som do meu grito
P'ra não se dizer
Que sinto fingindo,
Porque me vens bater à porta?

A WINDOW TO THE SEA

If I had
If only I had
A window to the sea
Instead of a square
Within a square
Within a square
Surrounding me.

If I had
If only I had
A window to the sea
So I could watch
The rolling waves
And hear the seagulls cry.
If I had
If only I had
A window just for me.

If I had
If only I had
A window to the sea
From where I could dream
Beyond the horizons
And follow
The distant ships
Moving
Silently...

If I had
If only I had
A window
Just to be.

1976

CANCIONEIRO PÓS-AÇORIANO

I

No alto do monte
Canto o som da pedra virgem
Com o meu martelo de prata
Por sete feiticeiras fundido.

Para não escapar ao destino,
Por sete feiticeiras fundido

II

O menino-garça
Bate as asas p'ra voar
Sobre o mar cinzento do sonho
Que o chama.

É o eco distante do tempo no espaço
Que o chama.

III

Uma ilha a flutuar
No doce nevoeiro dos sentidos
Desatando o marinheiro ingénuo
Com cantos de sereia.

Não te percas, marinheiro,
Com cantos de sereia!

IV

A noite marcha nos telhados
Arrastando os pés de chumbo
A caminho de um encontro
Com trezentos mafarricos.

Vai balhar a sapateia
Com trezentos mafarricos.

V

A rosa-dos-ventos rodou
E apontou para o fim do mundo:
O pássaro branco partiu
E nunca mais voltou.

Dizem que seguiu o sol
E nunca mais voltou.

VI

Há no fundo da lagoa
Uma viola quebrada
Tocando notas oblíquas
De uma música já distante.

Ouvem-se, às vezes, murmúrios
De uma música já distante.

VII

A minha madeira endurece
Aqui nesta doca-seca;
Já era tempo de partir
Se o mar viesse ter comigo.

Cruzaria o horizonte
Se o mar viesse ter comigo.

SIERRA NEVADA

*“...mas falta el hilo que el recuerdo anuda
al corazón...”*

Antonio Machado

Quase meia-noite
nesta serra calada
serra sem vento Sierra
Nevada

Serra do meu desterro
prisão feita de pinhais
entre as rochas do teu lombo
não há sussurros nem ais

Não há gente que se enleie
nem um abraço de amigo
só este longo sendeiro
que levo sempre comigo...

Twain Harte, Califórnia

CANÇÃO AMARGURADA

Ai, que são tão poucos
Os que não se vendem
– Nobres quase loucos
Que um sonho defendem.

Há tantos, ai tantos,
Que escondem fedores
Debaixo de mantos
De sábios senhores.

Pela falsa altura

Da ostentação
Paira a ave escura
Da prostituição.

JÁ ESCREVO QUASE...

Já escrevo quase por cumprir a pena
(Que trago no som da pergunta atroz)
De penetrar no fundo do mais fundo
Que muitos preferem deixar a sós
De passar penitente p'la verbena
Com a minha doce lâmina de algoz
De, humano, percorrer sentindo o mundo
Aprendendo a vida e afinando a voz
De a outros, furtivo, deixar a cena
P'ra fitar o abismo por um segundo...

A CHUVA

*Il ne faudrait que leur ôter tous ces soins;
car alors ils se verraient, ils penseraient à
ce qu'ils sont, d'où ils viennent, où ils vont...*

Blaise Pascal, *Pensées*

A chuva caía e o vazio aumentava.

Não somos mais que um deserto sem nada. Nasce-mos sem nada e vivemos sem nada. A profundidade vazia que somos é preenchida pelo trabalho, pelas responsabilidades, e por outras diversões.

E a chuva caía, batendo com força nos vidros das janelas e batendo à porta do meu cérebro que se esvaziava. A casa estava vazia (só eu, encostado à janela.) Era noite, meia-noite, talvez (eu sei lá!). O ar quente que me saía das narinas ia embaçando os vidros gelados daquela noite de novembro. Limpava-os com as mãos. Queria ver a chuva cair. A noite estava negra. Não se via nada nem se ouvia quase nada. Só aquele martelar constante e veloz das gotas açoitadas pelo vento. E o vazio aumentava dentro de mim. Ou melhor, eu era menos. O vazio não é nada – eu era cada vez mais nada. Não tinha nada que

fazer, nada em que pensar. Só tinha que ser. E eu era cada vez menos. A casa era cada vez mais. As gotas eram cada vez mais pesadas. Mas eu (não a carcaça de carne e osso, mas eu) era cada vez menos...

Houve trovões, ventania e mais aguaceiros.
Na manhã seguinte abriram a porta e entraram e eu já não era.

NOTURNO III

A noite
é harpa
que tange tensa
nas gemas dos dedos
em lua cheia.

É tambor
marcando o passo
do tempo que se esvai
– ferido –
no sangue negro
do silêncio.

POETA

poeta

é profeta

que projeta

uma seta

predileta

DA FANTASIA LEVE...

Da fantasia leve ao duro estado

Havia um meio-termo de esperança:
Surgiu, em pleno voo, a fina lança
Que na ponta levava o sonho alado...

NOTURNO IV

A cheia
do vazio
arde no frio
da noite raivosa.

Antíteses suaves
rasgam-me o peito
e tiram p'ra fora
o coração latente.

Há a pergunta eterna
da dor sensual
da existencia.

EL AMOR

El amor es sólo juego
De corazones perdidos:
Nos llega en olas de fuego
Y se va fingiendo olvidos...

CANTIGA DE AMIGO (Bailia)

*Trist' anda, mia madre, o meu amigo
e eu triste por el, ben vo-lo digo...*
Nuno Fernandes Torneol (séc. XIII)
– Ai tristinha, que penas me dais,
Junto do rio porque chorais?
– Trist' é meu amigo.

– Ai tristinha, que me entristeceis,
Junto do rio porque sofreis?
– Trist' é meu amigo.

– Junto do rio porque chorais?
Do baile alegre porque escapais?
– Trist' é meu amigo.

– Junto do rio porque sofreis?
Do baile alegre porque correis?
– Trist' é meu amigo.

LISBOA, VERÃO DE 74

...meu lum'e meu ben...

Rui Martins do Casal (séc. XIII)

O meu peito pega fogo pega fogo
Pega fogo o meu peito meu amor
Meu amor pega fogo fogo fogo
O meu fogo pega fogo meu amor

O meu fogo pega amor peito-fogo
Pega pega o meu peito pega amor
Meu amor pega o peito fogo-fogo
Pega fogo pega fogo meu amor

PARA TI...

Para ti, meu amor, este poema
Gravado já no meu ser
P'las chamas dos teus momentos
Vividos no meu viver.

Para ti, meu amor, este poema
Que late nas minhas veias

Ao ritmo das tuas ondas
Nas noites de marés cheias.

Para ti, meu amor, este poema
Já tantas vezes composto
P'las gaivotas dos teus olhos
Ao voar sobre o meu rosto.

Para ti, meu amor, este poema...

NOTURNO V

A noite penetra
Nos ângulos sentidos
– Criança escondida
À espera do trinta e um
Que se foi embora.

OCEANO PACÍFICO

Mulher dos olhos de musgo
Talhados em rochas de outros mares
Olha a gaivota
Que voa agora eternamente
Olha a gaivota
Que voa límpida
No azul brilhante
E bate as asas p'ra voares
Agora eternamente

No céu fresco do presente
Não há nuvens nem as quero
Para que sintas brilhar o Sol
Nas tuas asas
Eternamente agora...

QUASE TRINTA ANOS

Quase trinta anos se foram
Sem me darem de si conta
Trinta vacas a comerem-me
O pasto de ponta a ponta.

Trinta anos, trinta pancadas
Nas rodas do meu moinho
Trinta bruxas a beberem
Da minha pipa de vinho.

Trinta meninas entrando
Pelo meu portão de quinta
E todas elas levando
Um cesto de fruta à cinta.

Trinta ladrões a roubarem-me
As maçarocas de milho
Trinta ratos a roerem
Gavela, grão e carrilho.

Quase trinta anos se foram
Sem me darem de si conta
Trinta cavalos velozes
Fugindo de quem os monta.

REENCONTRO

*“...só aqui me sinto plenamente contente,
envolve-me um não sei quê de sereno,
qualquer coisa que me embala,
como se andasse no meu barco...”*
Florbela Espanca, *Contos Completos*

Avenida marginal
aberta num sonho que não sarou
minha porta para o mar

meu arco lançado
para o ar
para não matar
o voo de cá ficar
partindo

Minha esperança suspeita
meu raio de sol entreaberto
'inda bem que cá chegaste
comigo
'inda bem que cá ficaste
partindo

ODE AO FALAR MICAELENSE

Rude falar micaelense
Em que a língua portuguesa se desnuda
P'ra se mostrar no mais chão.

Recusa aberta
de formas falsas
e afinco à terra
(que sabe a zinabre)
e ao mar
(que pressente o musgo)
e ao vento
(que dança rouco)
e à lava
(que esparge enxofre)
e ao campo
(que cheira a vaca)
e à mata
e ao lodo
das lagoas
e à gente.

Falar

de *mã a petcheno*
meiguice fechada
das velhas palavras
sem letras.

Falar de raparigas
água picante
que entoa a lamúria
da fonte no tanque.

Falar de homens
duros na luta
com a terra e o tempo
e na labuta
dos sonhos
perdidos
de uma pátria
distante...

5. *O Chicharro da América (conto corisco-americano)*

O CHICHARRO DA AMÉRICA

Cansado de um dia pesado de trabalho na construção, instalando *sheetrock*, o Manuel arrastou os pés pelos quatro degraus de cimento acima, como se levasse uma saca às costas. Abriu a porta e sentiu o cheiro abafado da casa de madeira e estuque fechada todo o dia na força do verão da Califórnia.

A mulher estava para o trabalho, na limpeza.

Levantou as janelas de guilhotina, foi-se lavar, e entrou pela cozinha, inclinando-se diante do frigorífico para ver o que havia lá dentro.

Tirou para fora uma tigela com batatas cozidas e outra com feijão verde. Ao fundo, reparou num prato largo com dois grandes pedaços de galinha assada no forno no dia anterior.

Sentou-se à mesa e pôs-se a comer galinha e acompanhamentos frios, regando a goela com a frescura adocicada de *Mountain Nectar Wine*. Ao mastigar a galinha, vingava-se da insipidez e secura da carne na quantidade de

músculo de aviário que empurrava em cada garfada.

Exausto, e começando a trincar o último bocado de galinha, pegou no copo cheio de vinho e estirou-se no sofá...

* *

Sentou-se numa pedra a olhar para a terra húmida, fresca, cortada às talhadas pelos sachos dos cavadores, e revolta, para se transformar em superfície lisa e fofa.

O Manhoso, rafeiro de rabo cortado, acostumado a sofrer estoicamente a monotonia do trabalho dos homens, estirava-se na vegetação macia como um lagarto ao Sol, e espreitava por um olho o avanço da terra sobre as ervas, para logo fechá-lo, quase com um sorriso de quem se conta entre os bem-aventurados.

O Sol batia a pino e a humidade da terra confundia-se com o ar abafado e o suor dos homens. Era hora de comer. A uma sugestão do Ti Antóne Correia, os cavadores sentaram-se à sombra de uma laranjeira, abriram as trouxas, e meteram-se a inspecionar o que lhes tinham preparado em casa. À medida que iam desvelando os segredos gastronómicos das mulheres, olhavam uns para os outros, sorrindo da semelhança do seu “de comer”: chicharros fritos, umas batatinhas cozidas, malagueta, pão de milho, e uma garrafa de leite com café de cevada. Gozavam da sua pobreza, representada na falta de variedade do conduto, desafiando-se em sonhos culinários:

– Ó Ti Antóne! Olha p’a estes torresmos porreiros que a minha me mandou!

E arrancava um lado do chicharro, metendo-o pela boca dentro com dois dedos.

– Eh, isso não é nada! – replicava o Gabriel.

– Eu ’tou-me aqui a regalá com u’a barrigada de lapas que é mêmo de escachá! – e empurrava o peixe frito com um gole de leite morno.

Sentado à sombra com os três cavadores descalços, o Manuel regozijava-se de poder partilhar daquela alegria dura de homens que sabiam rir na cara da pobreza. Ansiava por se fazer homem para desfrutar da camaradagem rude, viril e atrevida que unia os que lutavam pela côdea de pão que a vida lhes atirava.

– O Ti Antóne ’tá mas é p’raí a comê galinha c’ma um rê, que nem sequê diz nada à gente!

E o José da Fonte ria-se com o velhote que chupava a gordura do chicharro nos dedos.

O Ti Antóne, que nunca tinha ido à escola na sua vida, sabia histórias antigas que aprendera na árvore genealógica da tradição, e usava o peso delas para virar o fiel da balança da opinião para o seu lado.

– Olha que eu não queria ’tá sempre a comê gali-nha: “Nem sempre galinha, nem sempre sardinha!”

– Ó Ti Antóne, vá lá com essa p’rá outra banda! – protestava o Gabriel.

– Então quem é que vá pô p’ao lado u’a galinh’i’a assim bem assadinha, c’uas batatinhas com um mo-lhinho por cima? – E lambia os lábios ao imitar o gesto de levantar a comida do prato. – Ê comia isso até não havê más!

Uma certa expetativa silenciosa gerou-se quando o Ti Antóne se dispôs a contar um caso. A experiência e o caráter direto e divertido do velhote atraíam sempre a atenção dos que se entretinham a ouvi-lo:

– *Um dia, ’tava um home sentado na terra, à beira do caminho, a comê u’a p’menta com pão de milho e água da fonte, e passou o rê na sua carruagem. O rê mandou pará, e fou espreitá o home, e ouviu ele dizê:*

– *“Ah, excomungado de comê de pobre que não vale um corno!”*

O rei safu do seu esconderijo e perguntou, solícito:

– *Eh, home, o que é que tu querias comê?*

– *Eh’me, eu queria era ’tá-me consolando com’os ricos a comê galinha, sentado à mesa, só a mandá vi!*

A exclamação do homem não surpreendeu nada o rei que devia conhecer o adágio “quando os pobres comem galinha, um deles está doente” e sabia que, se bem que o seu povo se pelasse pela ave rara do poleiro, só a apanhava “quando Ele fazia anos”.

– *Ê vou-te dá essa mercê! D’agora p’rá frente vens p’ao meu palácio e vás comê galinha todos os dias.*

O home ficou de boca aberta e fou a corrê p’ao palácio do rê e chegou lá e abancou a comê galinha como se aquilo fosse tudo dele.

E todos os dias era sempre um louvar a Deus de gali-nha: era galinha guisada, galinha assada, galinha cozida, galinha frita...

Depois de estar por lá várias semanas, o camponês, que já estava gordo de tanta galinha e pasmaceira, foi pedir outra variedade gastronómica ao cozinheiro. Mas este, mandado pelo rei, rechaçou-o:

– *’Tavas inquieto p’a comê galinha! Pous agora come--la até arreben-tás!*

A resposta atrevida do rapa-tachos soube a insulto ao convidado do rei e teve quase o mesmo efeito que uma bolacha na cara. Subiu-lhe o gênio à cabeça e, gesticulando, berrou:

– *Eh estupô dum corisco! Vá p’ao diabo que te carregue com essa galinha toda, cozinheiro de m...! Ê ando p’ráqui sem me terminá, com’um tolo e tu*

ainda vens brincá comigo!

E, enviando um enérgico manguito, sugerindo que o cozinheiro e aquela galinhada toda fossem visitar as suas mães (que, parece, eram de reputação duvidosa,) foi-se embora para a sua terra.

* *

Olhando através da janela aberta, o Manuel ria-se do caso do Ti Antóne, Deus lhe dê o Céu, tão apreciado pelo seu *entourage*. Engoliu o último pedaço de galinha, levantou o copo de vinho e vazou-o por alma daquele corisco que já Lá estava, e pela saúde dos outros que por lá andavam.

Por cima dos telhados escuros, fixava os olhos nos cabeços cobertos de erva seca, enormes dunas de veludo cor de palha que se confundiam com os verdes impulsos ondulantes delineados no mais tenro da memória.

Respirava fundo o ar quente.

Sentia que o centro do peito se inchava de prazer ardente, voluptuoso, de uma espécie de delícia nervosa que fervilhava, que lhe picava milhões de células, unindo-as num ardor penetrante que se alastrava pelo resto do corpo.

Fechou os olhos e, na intensidade do momento, sentiu como que um cheiro a terra cavada e fresca, misturado com o odor a suor, a cão, a chicharro frio e gordurento, a pão de milho e leite com café arrefecido e choco.

E, por um instante, o Ti Antóne Correia, o Gabriel e o José da Fonte riram-se com ele do chicharro da América...

DE TUDO A PEDRA...

De tudo a pedra não sente mas eu
Num instante alcanço o sopro da vida
Sem morte – pedra – a vingança que tenho
Na lâmina pendente que me incita

Da boca, dos olhos, de um ar – instante
Por si vale a vida como ela for
Por ti nascia sabendo que a morte
Truncados nos faz absurdos de nós

Sorriso que cobre as gretas da alma
Corpo que canta a vitória das flores
Sem possuir-te celebro-te a glória
Que a pedra não sente mas eu

SONETO DA PARTIDA

Quando o instante chegar da verdade,
Não ocultes, por meu bem, o teu pranto;
Diz-me que o véu de renda da saudade
Te cobrirá p'ra sempre como um manto.

Diz-me que não te afastas por vontade
E que eu sempre terei o mesmo encanto;
Diz-me que jamais a felicidade
Terá, sem mim, o mesmo doce espanto.

Diz-me o que puderes e não importa
Que os teus olhos anseiem por partir
Como barco à vela a largar o cais.

Diz-me o que souberes e fecha a porta,
(Mesmo se tu tiveres que mentir)
Mas diz-me que, como eu, nunca mais!

PEREGRINAÇÕES

*A que ela, dando um grito e levantando as mãos
para o Céu disse alto:
– Padre Nosso que estás nos Céos, santificado
seja o teu nome...
E isso disse-o na linguagem portuguesa.
E tornando logo a falar chim, como que não
sabia mais do Português que estas palavras...*

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. XCI

A língua que escrevo
É a língua que ensino
Nesta terra tão longe da pátria
Que não tenho.

Fernão Mendes Pinto
Encontrou a pátria
Num padre-nosso de língua
E voltou para contar.

Eu conto a língua
Num padre-nosso de pátria
Que não volta.

PÁTRIA

*“...para que entendêssemos que o brasão de nascer
portugueses era a obrigação de morrer peregrinos...
Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o
nascimento e tantas para a sepultura.”*

Pe. António Vieira, *Sermões*

Minha pátria não é terra
Que muitas tenho p’ra aí

Minha pátria não é terra
Que em tantas já renasci

Minha terra é onde estou
Mesmo estando em terra nova

Minha terra serei eu
Quando encher a minha cova

Terras – ilhas, continentes –
Navegam sempre comigo;
Mas a pátria é uma herança

Réstia de *graal* que persigo

PÁTRIA L’USA

Quando formos como um rio
Amplio, profundo, sem pressas

Quando formos como um rio
Caminhando para o mar

Quando formos como um rio
Engrossado por ribeiras

Quando formos como um rio
Com barquinhos a vogar

Então seremos Pátria
Entre nós, submersa.

PELO VALE DE SAN JOAQUIN

As árvores arreganhadas
Picam o azul ténue e morno
Do sol-pôr.

Nesta linha dulçorosa que persigo
Não sei se o cheiro persistente a vaca
Me inspira
Ou se é só barriga cheia
A parir a legítima riqueza
Deste povo...

NO SILICON VALLEY

aos meus filhos
Paul Joseph e Robert Louis

Os nomes se apagam
Por esta terra sem trilhos
Sem memória
Desfeitos nas ondas calvas
Das colinas douradas
Lindas colinas calmas
Que emolduram o lago
De águas paradas
De areias lisas
Sem histórias antigas
Sem rastos de famílias
Sem casas de pedra
Exigindo heranças
Lutas por um chão
E por um muro
Por um limite que abranja o sonho
De ficar plantado
No centro do tempo
No fio do pensamento
Viscoso
Latente
Que nos une
Desde os primórdios do nada
Ao vício das margens do sempre.

ESSA CASA

Essa
 casa
 distante
pedra
 a
pedra

sobrado e janela

pesando nos seios

batendo de baque na terra
Deixa uma lágrima contida
quando se nega ao desejo
Quando abriga da chuva
sabendo que não chove...

NO MEU QUINTAL

No meu quintal
Há a paz das águas
Que choram de alegria
A memória das fontes
Tépidas do deserto

No meu quintal
Existe a liberdade dos pássaros
Que cantam, impávidos,
O momento exato e eterno
Dos deuses

No meu quintal
As laranjas rebentam de ouro
Descansando na força do seu peso
A prova manifesta
Da sua serena existência

No meu quintal
Há verdes de exóticas aventuras
Agarrados ao doce ventre da terra
– Madrasta cálida e bela –
Que os gera sem pudor

No meu quintal
Há também o grito deste sol pungente
Branco lençol de festa
Que se estende de ponta a ponta
Irmanando a planta, a pedra e a pele...



Aula de Português no Centro Cultural de Macau

Em 2013, José Luís da Silva iniciou as aulas de Língua e Cultura Portuguesas no Centro Cultural de Macau, em Fremont, Califórnia, com o apoio e incentivo das várias organizações macaenses do estado. Esse centro, lugar de encontro da comunidade macaense na Califórnia, dispõe de edifício próprio que foi adquirido com fundos do Governo de Macau pouco antes da passagem de administração de Portugal para a China. Essas aulas serviram não só para manter e desenvolver o conhecimento de língua e cultura portuguesas na comunidade macaense, mas também para estreitar os laços entre a comunidade macaense e os restantes grupos lusos na Califórnia, maioritariamente açorianos.



Fachada do Macau Cultural Center / Centro Cultural de Macau, com o brasão do território, revela uma verdade histórica (“Não há outra mais leal”): Macau foi o único território português que nunca aceitou o domínio filipino.



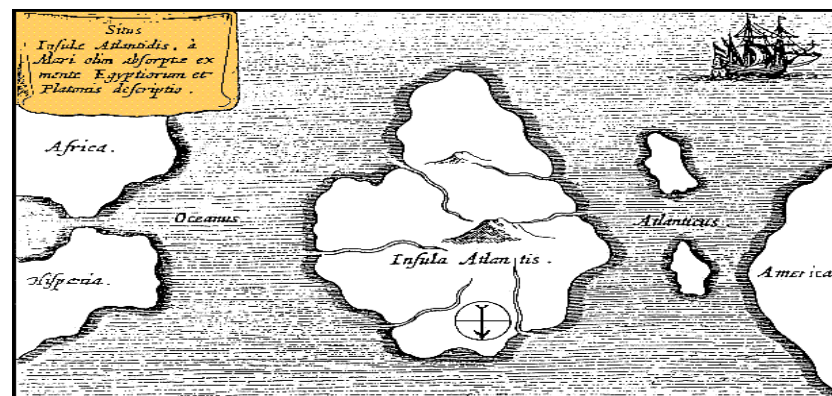
Hotel do Colégio, Ponta Delgada, verão de 2012 - Encontro com Zeca Medeiros, colega de liceu, vizinho, grande amigo

CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 34- EDIÇÃO dezº 2020

DEDICADO A José Luís da Silva



CADERNO Nº # 34- EDIÇÃO dezº 2020

DEDICADO A José Luís da Silva

Todas as edições em linha em
<http://www.lusofonias.net>

COORDENADOR DOS CADERNOS

– Susana L. M. Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

Editado por Chrys Chrystello



©TM® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA